

Paradigmas teológicos perante o diálogo inter-religioso

Theological paradigms towards interreligious dialogue

Rafael Lopez Villasenor*

Resumo: O texto aborda os caminhos e pressupostos necessários para o diálogo inter-religioso para o cristianismo a partir dos desafios da teologia em um mundo globalizado marcado pela intolerância, a desconfiança e o preconceito. A pergunta que orienta o artigo é quais são paradigmas e pressupostos no diálogo inter-religioso? O diálogo traz a possibilidade da busca da paz e da abertura para o diferente, para o outro. Na segunda parte do artigo apresentamos os três paradigmas teológicos que se referem ao pluralismo religioso: o exclusivista, o inclusivista e o pluralista como modelos para o diálogo inter-religioso no âmbito da teologia.

Palavras-chaves: Diálogo; Inter-religioso; Pluralismo; Teologia; Religião.

Abstract: The text addresses the paths and presuppositions necessary for interreligious dialogue for Christianity based on the challenges of theology in a globalized world marked by intolerance, mistrust and prejudice. The question that guides the article is what are paradigms and presuppositions in interreligious dialogue? Dialogue brings the possibility of seeking peace and openness to the different, to the other. In the second part of this article we present the three

* Padre dos Missionários Xaverianos, Diretor do Centro Cultural Conforti. Mestre em Ciências da Religião e Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP. E-mail: rafamx65@gmail.com.

theological paradigms that refer to religious pluralism: exclusivist, inclusivist and pluralist as models for interreligious dialogue within the scope of theology.

Keywords: Dialogue; Interreligious; Pluralism; Theology; religion.

Introdução

Durante muitos anos os missionários iam evangelizar terras do terceiro mundo a partir da Europa. Eles levam consigo a tarefa era de *“plantatio Ecclesiae”*, com uma visão teológica eclesiocêntrica, não precisava dialogar com os povos evangelizados, por serem considerados pagãos e precisavam receber a “verdadeira” religião. Esses resquícios chegaram até o Vaticano II, que ainda entende a missão como “atividades características com que os pregoeiros do Evangelho, indo pelo mundo inteiro enviados pela Igreja, realizam o encargo de pregar o Evangelho e de implantar a mesma Igreja”.¹ Os missionários deviam encorajar os nativos para as vocações para o clero local.² Inclusive, quando na igreja local existia um cristianismo, mas sem clero local suficiente, sem os recursos para conseguir a autossuficiência econômica, fazia-se um trabalho missionário conhecido como “suplência eclesial”.

Os países fora da Europa eram considerados terras de missão, que recebiam não apenas missionários, mas também uma carga cultural colonial, considerada superior, como parte da evangelização, o que o fazia o missionário incapaz reconhecer o valor da cultura local, do diferente;³ também os ritos e culturas locais eram vistos como inferiores e com preconceito, portanto deviam ser “purificados”.⁴

¹ Decreto do Vaticano II *Ad Gentes*. AG, 6.

² Cf. AG, 26.

³ Cf. AG, 40-41

⁴ AG, 9.

Nos últimos anos a realidade mudou. O Concílio Vaticano II com uma renovada eclesiologia insistiu na catolicidade da Igreja ao convidar a viver em contato com outras realidades, a reconhecer o valor da autêntica cultura dos povos na legítima diversidade, que encarna a Igreja universal visível na pluralidade das Igrejas particulares e culturais,⁵ originando a experiência da inculturação do Evangelho nas culturas autóctones e do diálogo inter-religioso.

O presente artigo em um primeiro momento faz uma breve reflexão a partir dos caminhos trilhados e pressupostos necessários para o diálogo inter-religioso. Em uma segunda parte fazemos uma concisa abordagem sobre a reflexão teológica cristã no diálogo inter-religioso, que adota uma visão tripartite chamada de eclesiocêntrica, cristocêntrica, e teocêntrica ou exclusivista, inclusivista e pluralista.

1. Os caminhos e as mediações do diálogo inter-religioso

A Teologia do diálogo inter-religioso religioso vem trilhando vários caminhos teológicos. Entretanto, muitos dos teólogos católicos que procuram abrir novas fronteiras na reflexão sobre o tema do diálogo inter-religioso encontram dificuldades significativas e explícitas na busca de novos caminhos. A missão cristã, de acordo com a teologia atual, sempre deve incluir o diálogo, que não significa apenas uma conversa entre cúpulas de dirigentes religiosos, mas o testemunho engajado, a partir da experiência e vivência da própria fé.

A partir do Concílio Vaticano II, a Igreja católica não só reprovou “toda e qualquer discriminação ou vexame contra homens por causa de raça ou cor, classe ou religião, como algo incompatível com o espírito de Cristo”,⁶ mas também convidou repetidas vezes ao diálogo e à colaboração “com os seguidores de outras religiões,

⁵ Cf. GS 62-64.

⁶ Decreto do Vaticano II *Nostra Aetate*. NA, 5.

testemunhando sempre a fé e a vida cristã”.⁷ Reconhecendo que nas religiões fora do cristianismo podemos descobrir “um raio daquela Verdade que ilumina a todos os homens”, e encontrar a “semente do Verbo”.⁸ Elas representam entrelaçadas nas culturas dos respectivos povos, uma “preparação evangélica”⁹ e uma “pedagogia de Deus para Cristo”.¹⁰

O Concílio Vaticano II orienta aos católicos e missionários para que mesmo tempo que testemunhem a fé, “reconheçam, conservem e façam progredir os bens espirituais, morais e os valores socioculturais que nas religiões se encontram”.¹¹ Realizem o diálogo como um elemento central na ação evangelizadora da Igreja. O espírito desse diálogo traduz-se como “uma atitude de respeito e de amizade, que penetra em todas as atividades que constituem a missão evangelizadora da Igreja”.¹² Esse diálogo, “guiado apenas pelo amor pela verdade e com a necessária prudência, não exclui ninguém” (GS, 92). Por isso, “todos os cristãos devem empenhar-se no diálogo com os fiéis de todas as religiões, de modo a fazer crescer a compreensão e a colaboração, para reforçar os valores morais, para que Deus seja louvado em toda a criação”.¹³ O objetivo maior do diálogo é aprofundar o próprio compromisso religioso e responder, com crescente sinceridade, ao apelo pessoal de Deus e ao dom gratuito que Ele faz de si mesmo, dom que passa sempre, como o proclama a nossa fé, através da mediação de Jesus Cristo e a obra do seu Espírito.¹⁴

⁷ NA, 2.

⁸ AG, 11.

⁹ Constituição do Vaticano II *Lumen Gentium*. LG, 16.

¹⁰ AG, 3.

¹¹ NA, 2.

¹² CELAM. *Documento de Aparecida da V Conferência Episcopal Latino Americana*. São Paulo: Paulinas, 2007. DAp 10.

¹³ WOLF, Elias. Elementos para uma espiritualidade do diálogo inter-religioso. *Revista Pistis Prax.*, Teologia Pastoral, Curitiba, v. 7, n. 1, pp. 81-111, jan./abr. 2015, p. 96-97.

¹⁴ DAp 40.

A teologia das religiões propõe dois principais caminhos para uma compreensão cristã do papel dos líderes espirituais das outras religiões. O primeiro é identificar a presença de Cristo nas diferentes religiões.¹⁵ Tudo o que possibilita uma verdadeira experiência de Deus. Toda verdadeira oração é feita no Espírito de Cristo, que ora em nós, e é realizada “com palavras ensinadas pelo Espírito”.¹⁶ Assim, Deus que falou por meio do Filho ao mundo, falou também de muitos outros modos e de muitas outras maneiras.¹⁷ Se o evento central é Cristo, como sacramento universal da vontade de Deus de salvar todo o gênero humano, não é preciso para isso que ele seja a única expressão possível. O poder salvífico de Deus não está ligado exclusivamente ao sinal universal que ele projetou para a ação salvífica. O mistério da encarnação é único; tão somente a existência individual de Jesus foi assumida pelo Filho de Deus. Contudo, se apenas ele foi constituído desse modo como “imagem de Deus”, também outras “figuras salvíficas” podem ser “iluminadas” pelo Verbo ou “inspiradas” pelo Espírito para se tornarem indicadores de salvação para seus fiéis, de acordo com o plano abrangente de Deus para a humanidade.¹⁸

O segundo caminho é aproximar os meios utilizados pelos mediadores da relação do ser humano com Deus. A cruz, por exemplo, é rejeitada por hindus, budistas, judeus e muçulmanos. Mas não é impossível uma aproximação da verdade cristã sobre a cruz e a morte do ego proposta pelo budismo.¹⁹ A aproximação com o islamismo estaria no fato de a cruz de Cristo significar total submissão

à vontade de Deus. Contudo, permanece a divergência entre o que é esforço humano para a libertação na meditação budista e ação da graça divina no cristianismo; bem como a diferença entre o realismo cruel da cruz de Cristo e a noção docetista no islamismo.²⁰

Na tentativa de reconhecer a mediação do cristianismo para além da tradição cristã, há de se afirmar um relevante papel cumprido pelos líderes espirituais das religiões, sob a orientação do mesmo Espírito que conduziu e conduz o líder maior do cristianismo. Se as diferentes religiões e espiritualidades possibilitam real experiência de Deus, essa acontece na ação do Espírito e da graça de Cristo. Mas tal ação pode ter uma forma peculiar nas diferentes vivências espirituais, o que as diferencia do cristianismo. São múltiplas as formas de Deus realizar o seu plano salvífico. Assim, não se trata de reconhecer apenas um valor subjetivo das vivências espirituais dos membros das outras religiões, mas de afirmar os valores objetivos que nelas se encontram. Afinal, o Espírito de Deus é universalmente presente, antes, durante e depois da encarnação, potencializando os elementos objetivos das diferentes religiões.²¹

Na perspectiva cristã, as autênticas vivências espirituais que se dão pelas práticas instituídas das religiões como oração, ritos, cultos e ensinamentos, acontecem num único Espírito, o Espírito de Cristo: “onde quer que aconteça uma genuína experiência religiosa é seguramente o Deus revelado em Jesus Cristo a entrar, de forma escondida, secreta, na vida dos homens e das mulheres”.²² Isso é condição para que aquela experiência relacione a pessoa com Deus. É o Espírito de Cristo que valida a experiência espiritual de uma tradição religiosa.

A complementaridade recíproca, embora assimétrica, entre a tradição do cristianismo e as outras tradições religiosas, que

¹⁵ DUPUIS, J. *O Cristianismo e as religiões: do desencontro do encontro*. São Paulo: Loyola, 2004. P. 105-130.

¹⁶ 1Cor 2, 13.

¹⁷ Hb 1,1.

¹⁸ DUPUIS, J. *Para uma teologia do pluralismo religioso*. São Paulo: Loyola, 1999. p. 413.

¹⁹ SUZUKI, D. T. *Misticismo Cristão e Budista*. Roma: Astrolabio Ubaldini, 1971. P. 101-103.

²⁰ WOLF, Elias. *Elementos para uma espiritualidade do diálogo inter-religioso*. p. 104.

²¹ Ibidem. p. 105.

²² DUPUIS, J. *Para uma teologia do pluralismo religioso*. São Paulo: Loyola, 1999. p. 236.

contém elementos de verdade e de graça. Essa complementaridade na qual existe espaço para a oração, o diálogo e a partilha de valores salvíficos, base do autêntico diálogo inter-religioso é fonte de enriquecimento mútuo. O plano salvífico de Deus é maior que nossas ideias teológicas.²³ “A final todas as religiões transmitem, por meio da fé, uma visão de vida, uma atitude perante a vida e uma norma para o bem-viver”.²⁴

O diálogo é a busca constante de Deus e das pegadas d’Ele na história dos homens, “faz parte da missão evangelizadora da Igreja²⁵ e “não é uma estratégia interesseira”.²⁶ Porém, o racismo, a xenofobia, a intolerância e as diversas formas de discriminação recusam e dificultam o diálogo. “Não haverá paz entre as nações, se não existir paz entre as religiões. Não haverá paz entre as religiões, se não existir diálogo entre as religiões”.²⁷ Portanto, o diálogo intercultural e inter-religioso é o paradigma da missão, que respeita profundamente a diversidade, sendo a fonte de comunhão no meio das diferenças. A Escuta do “outro”, do diferente é sempre o caminho e valor que abre passos para a missão e para o crescimento. Assim sendo, a igreja católica deseja prosseguir no diálogo sincero e fecundo com as diferentes tradições religiosas.

2. Pressupostos do diálogo inter-religioso

O diálogo inter-religioso esbarra-se, muitas vezes, na dinâmica histórica das agressões, fanatismos, ódios e hostilidades inter-religiosas.²⁸ Porém, deve de basear-se na consciência viva do valor da

alteridade e da riqueza da diversidade. Sem desconhecer a singularidade das diferenças. Entretanto, em muitas ocasiões as posturas de intransigência e exclusão amparadas em sentimentos arraigados de superioridade, arrogância identitária e a pretensão exclusivista de ser os donos da verdade, o que impossibilitam o exercício de fraternidade mútua. Küng²⁹ defende que a verdade não constitui monopólio de nenhuma religião, o que não significa que as religiões não tenham critérios específicos de verdade. Estes critérios, válidos e fundamentais, encontram a relevância e obrigatoriedade no âmbito interno de cada confissão religiosa, não podendo, porém, estender-se objetivamente às outras confissões.

Em razão da inserção histórica, as religiões podem exercer uma “instrumentalização do sagrado” em favor da afirmação do poder particular com respeito aos outros.³⁰ Reconhecer e afirmar a riqueza das outras religiões é sempre difícil. Trabalhar em conjunto pelo bem comum é sempre um dos maiores desafios. Existem ainda muitas resistências explícitas ou ocultas no mundo católico para a abertura do diálogo inter-religioso. Os sinais da abertura conciliar esbarram em iniciativas restauradoras mais temerosas diante do “risco” da alteridade e vinculadas à afirmação exclusivista da identidade, igualmente ao temor de cair no relativismo religioso diante do diálogo.

No aprendizado do diálogo é necessário ser consciente que Jesus é Judeu da palestina do primeiro século e que também é considerado

²³ DUPUIS, J. *O Cristianismo e as religiões: do desencontro do encontro*. p. 157-158.

²⁴ KUNG, H. *Religiões do mundo: em busca de pontos comuns*. Campinas: verus, 1999, p. 16.

²⁵ RMI, 55.

²⁶ RMI 56.

²⁷ KUNG, H. *Religiões do mundo: em busca de pontos comuns...* p. 17.

²⁸ A CNBB, ao longo de sua história tem elaborado vários documentos de estudos na linha da teologia do pluralismo religioso: *Igreja Católica Diante do Pluralismo*

Religioso no Brasil, I. n. 62. São Paulo, Paulinas, 1991. *A Igreja Católica Diante do Pluralismo Religioso no Brasil*, II. n. 69. São Paulo, Paulinas, 1993. *A Igreja Católica Diante do Pluralismo Religioso no Brasil*, III n. 71. São Paulo, Paulinas, 1994. *A Igreja e os Novos Grupos Religiosos*, n. 68. São Paulo, Paulus, 1993. *Guia Ecumênica*, n. 21. 3ª Edição, São Paulo, Paulus, 2004. *Guia para o Diálogo Católico-Judaico no Brasil*, n. 46. São Paulo, Paulinas, 1986. *Guia para o Diálogo Inter-religioso*, n. 52, São Paulo, Paulinas, 1987. *O que é ecumenismo? Uma ajuda para trabalhar a exigência do diálogo*. São Paulo, Paulinas, 1997.

²⁹ Cf. KUNG, H. *Teologia a caminho, fundamentos para o diálogo ecumênico*. São Paulo: Paulinas 1999.

³⁰ Cf. TEIXEIRA, F. *Diálogo inter-religioso...*

um grande profeta do islã. O islamismo e o judaísmo, com seu absoluto monoteísmo, são a confirmação profética da unicidade de Deus contra toda forma de idolatria e com as mesmas raízes abraâmicas. Portanto, o diálogo inter-religioso acontece de maneira especial com as religiões monoteístas,³¹ formadas pelo judaísmo, pelo islamismo e pelo cristianismo. Dentro do cristianismo, há reconhecimento e gratidão ao povo judeu, que nos une na fé no único Deus e a palavra revelada no Antigo Testamento. “São muitas as causas comuns que na atualidade exigem maior colaboração e respeito mútuo”.³² Apesar dos desencontros, os judeus são considerados irmãos na fé bíblica dos cristãos.

Para dialogar com o Islã é indispensável uma adequada e profunda formação. O papa Francisco pede para que os cristãos acolhamos com afeto e respeito os imigrantes do Islã que chegam aos nossos países, e acrescenta, esperamos e pedimos para ser acolhidos e respeitados nos países de tradição islâmica. “Frente a episódios de fundamentalismo violento que nos preocupam, o afeto pelos verdadeiros crentes do Islã deve levar-nos a evitar odiosas generalizações, porque o verdadeiro Islã é uma interpretação adequada do Alcorão opõem-se a toda a violência”.³³

O diálogo inter-religioso se dá entre religiões e crenças diferentes, como com o Budismo, o Xintoísmo, Hinduísmo, entre outras, no qual as religiões devem se encontrar num plano de igualdade para “explicitar e promover a salvação já operante no mundo”.³⁴ O diálogo, não acontece apenas na problemática exclusivamente religiosa, mas assume a coresponsabilidade no engajamento da resposta aos problemas da humanidade como “a colaboração para o bem comum,

³¹ DAp 237.

³² DAp 235.

³³ EG, 253.

³⁴ DAp 236

supere a violência, eduque para a paz e para a convivência cidadã”.³⁵ Encontra o fundamento na convicção da universalidade da graça de Deus.

Um dos pressupostos essenciais para o diálogo inter-religioso é a humildade. Isto é, experimentar a consciência dos limites e a percepção da presença do mistério que a todos ultrapassa. Em outras palavras, exige-se humildade, abertura e respeito ao diferente. Daí a exigência do reconhecimento do valor da convicção religiosa do outro, e de que esta convicção funda-se numa experiência de revelação. Pressupõe a convicção religiosa, exigindo dos interlocutores um empenho de honestidade e sinceridade, que envolve a integralidade da própria fé. Para ser autêntico, o diálogo exige reciprocidade entre iguais.

A abertura à verdade é outro pressuposto fundamental para que haja diálogo, que os interlocutores estejam dispostos não somente a aprender e receber os valores positivos, presentes nas tradições religiosas dos outros, mas igualmente disponíveis e abertos à verdade que envolve e ultrapassa; que a busca da verdade ocorra sem restrições, em espírito de acolhida e abertura. Que seja sempre um ato religioso, um ato espiritual, por pressupor confiança e entrega ao mistério maior, que é dom e surpresa permanente. O diálogo verdadeiro é animado pela liberdade total, não podendo ser movido por oportunismos táticos. Não exige nada do outro, apenas a disposição de ouvi-lo, compreendê-lo e respeitá-lo. Acontecendo uma “conversão mútua”, não como mudança de religião, mas transformação dos interlocutores.³⁶

A verdadeira abertura para o diálogo com as outras religiões implica conservar-se firme nas próprias convicções mais profundas, com uma identidade clara e feliz, mas disponível para compreender as do outro e sabendo que o diálogo pode enriquecer a ambos.

³⁵ DAp 239.

³⁶ Cf. TEIXEIRA, F. *Diálogo inter-religioso...*

“Longe de se contraporem, a evangelização e o diálogo inter-religioso apoiam-se e alimentam-se reciprocamente”.³⁷

A realidade plural da religião pede com urgência um diálogo entre as religiões para descobrir as diversas manifestações libertadoras de Deus na história e na natureza, a pluralidade de caminhos de salvação, libertação e a pluralidade de respostas da humanidade a essas manifestações. No tempo do pluralismo religioso, não há por que manter o discurso e a ideia de que Jesus é o único caminho de vida e salvação, que leva Deus e que o cristianismo é um “imperativo categórico” universal.

O papa Francisco tem a caracterizado seu pontificado indo sempre ao encontro, apresenta uma atitude de abertura para com todos, em especial para com o diálogo dos crentes das diversas religiões, apesar dos vários obstáculos e dificuldades, de modo particular os fundamentalismos de ambos os lados. Este diálogo é uma condição necessária para a paz no mundo, é um dever para os cristãos e também para outras comunidades religiosas, diz o papa. Assim aprendemos a aceitar os outros, na maneira diferente de ser, de pensar e de se exprimir. Com este método, poderemos assumir juntos o dever de servir a justiça e a paz, que deverá tornar-se um critério básico de todo o intercâmbio.³⁸

3. Paradigmas teológicos do diálogo

A teologia adota, geralmente, uma divisão tripartite dos paradigmas no diálogo inter-religioso, conhecidos como: exclusivismo, inclusivismo e pluralismo.³⁹ Em outras palavras, a reflexão teológica cristã sobre o diálogo inter-religioso segue, comumente, uma visão como eclesiocêntrica, cristocêntrica, e teocêntrica. Paralelamente a

esta visão, existem três posições de base, denominadas respectivamente a partir da teologia: exclusivismo, inclusivismo e pluralismo.

O paradigma inclusivista e cristocêntrico no diálogo inter-religioso tem sido normalmente, o mais usado pelos teólogos de tradição cristã e pelos documentos oficiais. Neste paradigma, porém, podemos identificar três modelos: teoria de acabamento ou cumprimento, teoria da presença de Cristo nas religiões ou nos cristãos anônimos e as sementes do Verbo e finalmente a teoria do inclusivismo aberto. Segundo José Maria Virgil,⁴⁰ estes paradigmas são formas diferentes de conceber a relação entre as religiões, e, portanto, três maneiras de fazer teologia. A seguir apresentamos uma breve visão da temática.

a. Visão teológica exclusivista eclesiocêntrica

A Teologia exclusivista realça a própria fé como a única verdadeira, é a afirmação da posição religiosa pessoal, exclui a possibilidade de qualquer outra religião que compartilhe a verdade e o acesso à transcendência de forma igual ou equivalente. As outras tradições teológicas e religiões são vistas como erronias. Este exclusivismo pode ser absoluto quando as outras crenças são vistas sob o poder do mal, vinculadas ao erro. Quando é menos taxativo, reconhece elementos de verdade e valor fora da própria religião, mas mantém a afirmação de que só a própria religião possui a verdade integral.⁴¹

Durante muitos anos vem sendo usado o axioma “*extra ecclesiam nulla salus*”, que mostra a postura clássica eclesiocêntrica exclusivista, que remonta a Cipriano de Cartago, no ano de 258, que visava os hereges cristãos, não as outras religiões. No século XIV, foi retomado pelo papa Bonifácio VIII, na bula *Unaniam Sanctam*, de 18 de novembro de 1302: “Fora desta Igreja Católica não há nem salvação, nem remissão dos pecados” e “é absolutamente necessário

³⁷ EG, 251.

³⁸ EG, 250.

³⁹ Cf. TEIXEIRA, F. *Teologia das religiões; uma visão panorâmica*. São Paulo: Paulinas, 1995.

⁴⁰ VIRGIL, José Maria. O paradigma pluralista: tarefas para a teologia, p. 34.

⁴¹ Cf. VILLASEÑOR, L. Rafael. Para uma teologia do pluralismo religioso: visão tripartite. *Ciberteologia*.

para a salvação, toda criatura humana sujeitar-se ao pontífice romano”. Posteriormente, foi reafirmada esta posição pelos cânones dogmáticos do Concílio de Trento contra a Reforma Protestante de Lutero, usada para manter a hegemonia, para condenar as outras religiões e igrejas, refletindo um excesso triunfalista.

O papa Pio IX (1846-1878) publicava em 08 de dezembro de 1864, a encíclica *Quanta Cura* com o *Syllabus*, a mais polêmica do longo pontificado, que contém, oitenta pontos sobre os principais erros modernos da época. O texto condena todos os erros referentes à fé, aos inimigos da Igreja, à liberdade de culto e de consciência.⁴² Um apêndice da encíclica afirma: “Não há salvação fora da Igreja de Deus e esta é a católica” porque “a Igreja Católica é a única verdadeira religião”. Poderíamos entender, a partir desse texto se chegou à declaração, que todos os que estão e vivem fora da Igreja, vivem em uma situação de extrema precariedade espiritual e serão condenados. Logo, a partir desses documentos, apenas a Igreja Católica possui todos os meios para oferecer com segurança, as vias da “salvação”. Consequentemente, os que vivem fora da Igreja Católica devem buscar aproximar-se dela, pois é única fonte plena e segura de toda “salvação”. Seguindo o raciocínio, as pessoas que não estão integradas à Igreja Católica estão apartadas da graça da “salvação” e consequentemente da vida divina. Logo, existe a impossibilidade da “salvação” para todos os acatólicos. Assim, nenhum católico poderá jamais encontrar a “salvação” saindo da Igreja Católica, para uma “seita” ou grupo “cismático”, ou outra igreja ou religião.

O papa Pio X (1903-1914) publicou o chamado *Catecismo Maior* em 15 de julho de 1905. Catecismo conhecido como de São Pio X. É um escrito didático, em perguntas e respostas, sobre as verdades e dogmas católicos. Com referência à exclusividade da salvação dentro da Igreja Católica e nega as outras Igrejas como verdadeiras

condenando todas as religiões como idolátricas.⁴³ A visão rígida do axioma “*extra ecclesiam nulla salus*” mostra a convicção da superioridade da cultura religiosa ocidental da fé católica sobre todas as demais. A Igreja Católica servia de medida para as outras igrejas e religiões. É claro que, com tais premissas, o relacionamento do catolicismo com as outras igrejas e religiões não podia acontecer entre iguais, mas como aquela que é depositária das verdades e superior a todas, isto é, a Igreja Católica, as outras religiões como falsas, pagãs e inferiores, o que impossibilitava qualquer tipo de aproximação e diálogo.

Enfim, o axioma “*extra ecclesiam nulla salus*” norteia a tradição cristã até os dias de hoje. Infelizmente, constitui a expressão ideológica que tem movido a Igreja católica de sentir como a única religião verdadeira. Essa ideologia ou terminologia teológica anima ainda hoje a muitos pregadores cristãos e teólogos, inclusive tem ainda, um vocabulário insalubre com respeito aos ‘outros’. Ainda, continua usando, a presença negativa de termos para as crenças diferentes como “pagãos”, “infieis”, “não-cristãos” entre outros termos.⁴⁴ Acreditamos que seja necessária e urgente, uma purificação da linguagem teológica e religiosa com relação ou outro, ao diferente.

Esta teologia continua causando debates à afirmação: “a única Igreja de Cristo subsiste na Católica”, mas também cria um mal estar entre as diferentes Igrejas e denominações, bloqueando abertura para o diálogo inter-religioso. Contudo, o Concílio Vaticano II colocou a palavra, “subsiste na Igreja Católica” significando, que a Igreja de Cristo também está na Igreja, mas não apenas nela, pois fora da visível estrutura se encontram vários elementos de santificação e verdade. Estes elementos, como dons próprios da Igreja de

⁴² Pio IX, *Syllabus*. Alocução Singulari Quadam, 1854. Disponível: www.montfort.org.br/bra/documentos/enciclicas/silabo/. Acesso 22.12.2016.

⁴³ SÃO PIO X, *Catecismo Maior*. http://www.montfort.org.br/bra/documentos/catecismo/catecismo_s_pio_x/. Acesso 27/12/2016.

⁴⁴ TEXEIRA, F. Diálogo inter-religioso: o desafio da acolhida da diferença. Disponível: www.missilogia.org.br. Acesso 29 de dezembro de 2016.

Cristo, impelem à unidade católica.⁴⁵ ‘Subsistir’ significa existir e permanecer, ou seja, continuar existindo, manter-se. Expressão que indica a ligação, entre a estrutura visível da Igreja Católica e a Igreja de Cristo. Essa frase entendida de maneira positiva, não significa exclusividade, mas inclui outras Igrejas além dos limites da organização visível.

b. Visão teológica inclusivista cristocêntrica

O inclusivismo tem uma visão positiva com relação às outras religiões e crenças e reconhece nelas a mediação salvífica, embora de maneira deficiente e incompleta. Para o teólogo José Maria Virgil,⁴⁶ entre o exclusivismo e o inclusivismo há muito em comum; o inclusivismo não deixa de ser um exclusivismo moderado, porquanto tolera as outras religiões e admite nelas alguma presença da salvação.

Entretanto, o exclusivismo privilegia a Igreja Católica no escalão dos bens salvíficos. Assim, as religiões do mundo são caminhos de salvação, mas enquanto tem implícita a salvação de Jesus Cristo. Esta posição vincula a dinâmica da salvação presente nas outras religiões à ação do Espírito de Cristo e, por esse motivo define-se como cristocêntrica. Aceita que a salvação aconteça nas outras religiões, mas nega-lhes uma autonomia salvífica, devido à unicidade e universalidade da salvação de Jesus Cristo.⁴⁷ O Cristianismo é visto como presente em todas as religiões. Todas as religiões não cristãs vão ao encontro do Cristianismo, mesmo sem o saber. Elas contêm de forma parcial os ensinamentos divinos que se tornaram visíveis em Jesus Cristo. Segundo o teólogo Jacques Dupuis,⁴⁸ a perspectiva inclusivista cristocêntrica é a mais adotada na Igreja e entre

os teólogos católicos, embora contemple em seu mesmo horizonte cristocêntrico posições diversas e mesmo contrastantes. Na mesma linha vai José Maria Virgil⁴⁹ reconhecendo que, no cristianismo, tanto católico como protestante, o inclusivismo é atualmente a posição majoritária.

No inclusivismo, há uma primeira posição chamada “teoria de acabamento ou cumprimento”, segundo a qual os valores positivos das religiões não-cristãs são explicitamente reconhecidos, mas são destinados a encontrar seu acabamento no cristianismo.⁵⁰ As diversas religiões da humanidade representam a aspiração inata no homem à união com o divino, aspiração humana e universal que encontra a resposta em Jesus Cristo e no Cristianismo. Todas as religiões seriam “religiões naturais”, só o cristianismo seria “religião sobrenatural”.⁵¹ Esta posição encontra ressonância nos documentos do Magistério atual como, por exemplo, a encíclica *Redemptoris missio* de João Paulo II.

Uma segunda posição seria a “teoria da presença de Cristo nas religiões ou nos cristãos anônimos”. A partir desta visão podemos vincular de forma significativa à reflexão de Karl Rahner. Conforme esta postura, as diversas tradições religiosas da humanidade são portadoras de valores soteriológicos positivos para com seus membros, pois neles e através deles manifesta-se a presença operativa de Jesus Cristo e de seu ministério salvífico. Neste sentido, em razão destas tradições religiosas com o mistério de Jesus Cristo não podem ser consideradas “religiões naturais”.⁵² Os membros das outras re-

⁴⁵ LG, 21.

⁴⁶ VIRGIL, José Maria. O paradigma pluralista: tarefas para a teologia, p. 40.

⁴⁷ TEIXEIRA, F. *Teologia das religiões, uma visão panorâmica*. São Paulo: Paulinas, 1995, p. 44-45.

⁴⁸ DUPUIS, J. *O Cristianismo e as religiões, do desencontro ao encontro*. S. Paulo: Loyola, 2004, p. 109.

⁴⁹ VIRGIL, José Maria. *Teologia do pluralismo Religioso: para uma releitura do Cristianismo*. S. Paulo: Paulus, P 81.

⁵⁰ É o modelo mais tradicional defendido pelos teólogos Jean Daniélou, Henri de Lubac e Hans Urs von Balthasar.

⁵¹ Cf. TEIXEIRA, F. *Teologia das religiões...*, p. 45-46.

⁵² Ibidem, p. 47.

ligiões seriam “cristãos anônimos”.⁵³ Em razão deste pensamento, haveria que se encontrar uma forma de fazer com que todos os seres humanos se tornem-se membros da Igreja. Assim, o cristianismo se apresenta na história como a religião, instituída pela auto-revelação de Deus, no Verbo feito carne. A fé do cristão assegura que Jesus Cristo é o portador da salvação para todo o gênero humano.⁵⁴

Na mesma posição está a teoria das “sementes do Verbo”, de São Justino, mártir do II século. Segundo esta visão, a manifestação de Deus se dá mediante o Verbo (*Logos*), que não está limitada a economia cristã. Ela se deu, antes da encarnação do Verbo entre os judeus e os gregos: onde quer que tenha havido pessoas que viveram segundo o Verbo, merecem o nome de cristãos. Uma semente do *Logos* encontra-se em cada pessoa, pois o “*Logos semeador*” semeia em todos.⁵⁵

O Concílio Vaticano II retoma esta ideia no documento “*Ad gentes*”, ao afirmar que se deve “descobrir com alegria e respeito as sementes do Verbo escondidas” nas tradições nacionais e religiosas e, mediante um diálogo sincero, descobrir “que riquezas Deus, na sua munificência, deu aos povos”.⁵⁶ Porém, o Concílio jamais esclarece em que sentido devem ser entendidas as “sementes do Verbo”. Segundo a visão do “Cristianismo anônimo”, este é vivido pelos membros de outras tradições religiosas na prática sincera das próprias tradições. A salvação cristã os atinge, anonimamente, por meio dessas tradições.⁵⁷

⁵³ A teoria dos “cristãos anônimos” foi desenvolvida pelo teólogo Karl RAHNER, segundo a qual o cristianismo abarca a todos os que tenham aceitado livremente a oferta de autocomunicação de Deus, mediante a fé, a esperança e a caridade (cf. HACKMANN & POZZO, 2007).

⁵⁴ HACKMANN, Geraldo Luiz Borges & POZZO Ezequiel Dal. Investigando o conceito de “Cristianismo anônimo” em K. Rahner. Revista *Teocomunicação* Porto Alegre v. 37 n. 157 p. 369-395 set. 2007. P 382.

⁵⁵ Cf. DUPUIS, Jacques *O Cristianismo e as religiões...* P 192-194.

⁵⁶ Cf. Documentos do Concílio Vaticano II, *Ad gentes* n. 11.

⁵⁷ Ibidem, p. 82.

As “sementes do Verbo” presentes nas tradições e culturas dos povos indígenas da América são apreciadas como um dado positivo pelo documento de Aparecida, sublinhando o sentido comunitário pela vida, na “existência cotidiana e na milenária experiência religiosa, que dinamiza as culturas, e que chega à plenitude na revelação do verdadeiro rosto de Deus por Jesus Cristo”.⁵⁸ São considerados sinais das “sementes” a perspectiva da fé, “estes valores e convicções são fruto de ‘sementes do Verbo’, que já estavam presentes e operavam em seus antepassados”.⁵⁹ São valores presentes na cultura: a justiça, a fraternidade, a vida comunitária, entre outros. Essas “sementes do Verbo” presentes nas culturas autóctones, facilitaram aos povos indígenas o encontro com o Evangelho.

A salvação trazida por Jesus Cristo é acessível a todas as pessoas humanas e culturas, em qualquer situação histórica e religiosa, na medida em que elas se abrem à auto-comunicação de Deus, que possui o ápice em Jesus Cristo. Ainda, o “cristianismo anônimo” significa que a ação salvífica atinge as pessoas por intermédio da tradição religiosa a que pertencem e não meramente por uma ação invisível do Cristo Ressuscitado. Há, portanto, um cristianismo anônimo e implícito e um cristianismo explícito. A designação “cristãos anônimos” não deve ser entendida como uma tentativa desesperada de trazer para a Igreja tudo o que é bom e humano, em um tempo em que a fé cristã progressivamente desaparece.

O cristianismo anônimo não dispensa a explicitação e o anúncio do Evangelho. A perspectiva inclusivista está plenamente contemplada na noção de “cristianismo anônimo”, que afirma que todos aqueles que não receberam o Evangelho sem culpa alguma podem conseguir a salvação eterna. O cristianismo, por sua própria característica universal, está implicitamente, ou anonimamente, presente em todas as partes do globo, onde há pessoas humanas abertas ao

⁵⁸ DAp 529.

⁵⁹ DAp 92.

transcendente, ou ao influxo da única graça de Deus oferecida a todos e a todas, isto é, a graça de Cristo.⁶⁰ A teoria dos “cristãos anônimos” provocou divisões entre os teólogos e desconforto em alguns ambientes eclesiais.

Outra posição inclusivista é denominada “inclusivismo aberto”⁶¹ consiste em buscar responder positivamente ao desafio da diversidade das religiões para o cristianismo, sem romper com o inclusivismo, mas aceitando a interlocução fecundante do pluralismo.⁶² Deus é amor que se oferece à liberdade humana. Essa postura é aplicada não somente aos membros de outras tradições religiosas, mas igualmente aos ateus desde que estes não tenham agido contra a consciência moral.⁶³ Ninguém é excluído do mistério do Amor de Deus. A salvação é universal. Toda a humanidade está incluída na salvação de Cristo. A Igreja, as Igrejas cristãs são pequenas minorias. Cristo preenche não só a Igreja, mas outras religiões também.⁶⁴ Esta posição tem sido acusada de relativismo por parte da Igreja oficial de Roma.

Portanto, hoje não é possível pensar que o cristianismo possua a totalidade da verdade e detenha o monopólio da graça. Deus é Verdade e Amor. São a Verdade e Amor que se apossam dos seres humanos nos diferentes modos “que Deus conhece”,⁶⁵ muitas vezes além de nossos cálculos. Igualmente, a porta está aberta para a possibilidade que nas várias tradições religiosas, até mesmo no Cristianismo, existam valores complementares. Trata-se de uma “complementariedade recíproca” pela qual entre o cristianismo e

as outras tradições se dá um intercâmbio e uma partilha de valores salvíficos dos quais podem surgir um enriquecimento e transformação mútuos.⁶⁶

c. Visão teológica pluralista teocêntrica

Visão que surge contra a reivindicação do cristianismo com “religião superior e perfeita”. Porém, para José Maria Virgil,⁶⁷ tanto o exclusivismo como o inclusivismo foram, por natureza, contrários ao pluralismo religioso. Este era tido implicitamente como uma realidade pecaminosa, negativa, contrária à vontade e ao plano de Deus.

Os teólogos pluralistas propõem um teocentrismo, segundo o qual o cristianismo deixa de ser o “único e exclusivo meio de salvação” e as religiões não cristãs aparecem como instâncias legítimas e autônomas de salvação, como religiões verdadeiras. O centro seria Deus e não Jesus Cristo.⁶⁸ Este modelo sustenta que Cristo é o caminho, mas não o único caminho para chegar a Deus. Cristo não é o único mediador. A salvação não necessariamente tem de passar pela Igreja ou por Cristo. Outras mediações seriam mediações em-si, sem a necessidade de passar, ainda que implicitamente, por Cristo. As religiões seriam mediações em-si de salvação e o cristianismo seria também uma religião com estas características.

Não é a religião que salva; é Deus o único Salvador. Todas as religiões participam da salvação de Deus, cada uma por si mesma e a seu modo. Não há uma religião que esteja no centro do universo religioso. No centro está somente Deus, as faz presente na história das culturas humanas e nas diversas tradições religiosas. Segundo Jacques Dupuis,⁶⁹ há várias posições dentro da teologia, desde a que afirma que Jesus Cristo não é considerado constitutivo nem

⁶⁰ HACMANN & POZZO. Investigando o conceito de “Cristianismo anônimo” em K. Ranher... 387.

⁶¹ Encontramos em esta posição os teólogos Jacques Dupuis, Claude Geffré, Edward Schillebeeckx, entre outros. (Cf. Teixeira 1999:593).

⁶² TEIXEIRA, F. A teologia do pluralismo religiosa em questão, p. 593.

⁶³ CF. TEIXEIRA, F. *Teologia das religiões, uma visão panorâmica* p 52.

⁶⁴ Cf. VIRGIL, José Maria. *Teologia do pluralismo Religioso* p 79.

⁶⁵ Cf GS, 22.

⁶⁶ DUPUIS, J. *Para uma teologia do pluralismo religioso* p 499.

⁶⁷ VIRGIL, José Maria. O paradigma pluralista... P 35.

⁶⁸ TEIXEIRA, F. *Teologia das religiões, uma visão panorâmica* P 58-59.

⁶⁹ DUPUIS, Jacques. *O Cristianismo e as religiões...* P 109-111.

normativo da salvação, até uma forma moderada que resguarda o caráter normativo de Jesus Cristo, mesmo abandonando o seu traço soteriológico constitutivo e universal.

Uma corrente teológica sem ser exclusivista ou inclusivista acredita numa unicidade revelada de Jesus. Jesus vem se afirmando como único, mas de uma unicidade caracterizada pela capacidade de incluir e ser incluído com outros personagens religiosos únicos. Sem Jesus não faltaria à graça de Deus e sim a manifestação decisiva da mesma.⁷⁰

Outra visão pluralista mais moderada considera o modelo teocêntrico como o mais promotor para uma válida reinterpretação da doutrina cristã e um diálogo religioso mais autêntico.⁷¹ Para outros teólogos como Hans Kung, todas as religiões contêm verdades. Se uma religião é verdadeira não exclui a existência de verdades em outras religiões ou a “possibilidade das outras religiões virem complementar, corrigir e aprofundar a religião cristã”.⁷²

Como consequência da elaboração da teologia pluralista nasceu a busca da unidade através do ecumenismo e do diálogo inter-religioso. O diálogo inter-religioso aponta e demonstra a possibilidade de um horizonte de conversação alternativa; indica que a violência religiosa não faz parte da essência da religião, mas constitui um desvio ou traição do dinamismo mais profundo que anima a relação do ser humano com o Absoluto. Baseia-se na consciência viva do valor da alteridade e da riqueza da diversidade. Sem desconhecer a singularidade das diferenças, o diálogo aposta na possibilidade da renovação das relações inter-religiosas pelo encontro. Haveria um conjunto das relações inter-religiosas, positivas e construtivas, com pessoas e comunidades de outras confissões religiosas, para

⁷⁰ Nesta corrente o principal representante é o teólogo evangélico John Hick.

⁷¹ O principal representante é o teólogo Paul Knitter. Ele faz uma clara distinção entre Reino de Deus e Igreja com objetivo de superar o exclusivismo e assim chegar ao pluralismo.

⁷² TEIXEIRA, F. *Teologia das religiões, uma visão panorâmica* P 76.

um mútuo conhecimento e um recíproco enriquecimento. Este relacionamento inter-religioso ocorre entre fiéis que estão enraizados e comprometidos com a própria fé, mas igualmente disponíveis ao aprendizado com a diferença.⁷³

O diálogo inter-religioso não se constitui em algo isolado ou conjuntural. Trata-se, antes de tudo, de uma opção de vida, de uma atitude permanente frente ao fato religioso plural. É um projeto teológico de longo alcance e uma experiência inter-espiritual inseparável das experiências de libertação. O diálogo deverá desembocar na elaboração de uma teologia das religiões que seja libertadora, ou seja, que recupere os elementos libertadores presentes em todas as tradições religiosas, e não somente na religião cristã. Estando o próprio Deus presente em todas as religiões, a atitude deveria ser a minha religião é verdadeira, mas também a tua. Deus é sempre maior do que a nossa compreensão; por isso, devemos completar-nos.

Considerações finais

A abertura teológica que acompanhou o Concílio Vaticano II significou um passo na sensibilização no reconhecimento das outras tradições religiosas. Permanece, porém, um longo e arduo caminho para ser percorrido, é necessário dar um salto qualitativo no diálogo inter-religioso, uma maior valorização e fundamentação teológica da experiência religiosa dos outros. As mudanças são progressivas, mas cautelosas e lentas, sempre contrabalançada por reações de resistência abertas ou sutis.

Devemos sempre estar cientes que não são as religiões que salvam, mas é Deus o portador da graça santificante. Todas as religiões participam da salvação de Deus, de diferentes maneiras e por diversos caminhos. Portanto, não existe uma religião que esteja no centro do universo religioso. No centro está somente Deus, as

⁷³ Cf. *ibidem*, p. 188.

religiões giram em torno de Deus como mediadoras da Graça. Deus se faz presente na história das culturas humanas e nas diversas tradições religiosas.

O pluralismo religioso é um dos desafios positivos das religiões, apesar das dificuldades do diálogo e a incompreensão mútua. Representa a liberdade religiosa e a valorização das diversas religiões. É possível reconhecer que as religiões podem exercer uma determinada função na salvação, enquanto são portadoras da presença escondida do mistério de Cristo, do qual a Igreja visível não possui monopólio da salvação. O diálogo inter-religioso enriquece os participantes em seus diversos encontros. Todas as religiosas do mundo possuem aspectos reveladores de Deus, que tomam vários nomes e conceitos nos mais variados recantos do mundo.

A nova realidade globalizada de migrações que vivemos nos últimos anos traz consigo riquezas e desafios, angústias e esperanças, incertezas e confiança, que devem levar a rever antigos paradigmas diante das novas configurações do mundo atual. Os desafios são muitos perante aos novos e aos velhos paradigmas, que não dão conta de responder às inquietudes. As antigas certezas teológicas vêm sendo substituídas pela abertura ao diálogo inter-religioso na busca da paz e da amônia, através de caminhos comuns, que ajuda a superar o eclesiocentrismo e etnocentrismo.⁷⁴

No mundo globalizado não há mais a possibilidade de manter as atitudes hostis respeito às outras religiões e crenças. É necessária a abertura e o espírito do diálogo, com um estilo mais positivo em relação ao diferente. Devemos aprender a ser capazes de acolher e perceber as abundantes riquezas de Deus que se manifesta de maneiras diferentes nas diversas culturas e povos. O pluralismo religioso e cultural é um dom de Deus. Todas as pessoas, povos e religiões

⁷⁴ Etnocentrismo como atitude que vê as outras religiões e culturas em função da própria, o que pode trazer a intolerância e o fundamentalismo dos outros povos e/ou o sentimento de superioridade da própria religião e/ou cultura.

devem ser respeitados no direito inalienável de buscar a verdade no campo religioso, segundo a cultura e a própria consciência e as religiões devem ser respeitadas na dignidade singular e única.

Enfim, o diálogo inter-religioso emerge para os cristãos contínuo sendo um dos grandes desafios para a missão cristã *ad gentes* no mundo globalizado, contribuindo para a compreensão entre diferentes religiões e culturas. Como cristãos somos provocados a perceber a importância vital de um relacionamento criativo e mútuo entre as grandes religiões, que implica partilha de vida, experiência e conhecimento mutuo, como condição essencial para o respeito, a construção da paz e harmonia universal. Portanto, neste mundo globalizado e de pluralista deve se acentuar a singularidade, o valor da diversidade e da interculturalidade, como dado irrenunciável e irrevogável de abertura.

Bibliografia

- CELAM. *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência do Episcopado Latino-americano e do Caribe. São Paulo: CNBB, Paulus, Paulinas, 2007.
- DUPUIS, J. *Para uma teologia do pluralismo religioso*. São Paulo: Loyola, 1999.
- _____. *O Cristianismo e as religiões: do desencontro do encontro*. São Paulo: Loyola, 2004.
- _____. *Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso*. São Paulo: Paulinas, 1999.
- FRANCISCO, papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: a alegria do Evangelho: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus, 2013.
- HACMANN, Geraldo Luiz Borges & POZZO Ezequiel Dal. Investigando o conceito de “Cristianismo anônimo” em K. Ranher. *Revista Teocomunicação*. Porto Alegre v. 37, n. 157, p. 369-395, set. 2007.
- JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Redemptoris Missio*. São Paulo: Loyola, 1991.

KUNG, H. *Religiões do mundo: em busca de pontos comuns*. Campinas: verus, 1999.

_____. *Teologia a caminho, fundamentos para o diálogo ecumênico*. São Paulo: Paulinas, 1999.

PIO IX. *Encíclica Quanta cura e Syllabus*. 08 dezembro 1864. Disponível: www.montfort.org.br. Acesso 23 de dezembro de 2016.

_____. *Syllabus*. Alocução Singulari Quadam, 1854. Disponível: www.montfort.org.br/. Acesso 22 de dezembro de 2016.

PIO X. *Catecismo Maior*. Edição de 1973. Disponível: www.montfort.org.br/. Acesso 21 de dezembro de 2016

SUZUKI, D. T. *Misticismo Cristiano e Budhista*. Roma: Astrolabio Ubal-dini, 1971.

TEIXEIRA, Faustino (1999) A teologia do pluralismo religiosa em ques-tão. *Revista REB*. Petrópolis: Vozes, n. 59, fascículo 235. Dezembro de 1999, pp. 591-617.

_____. *Diálogo inter-religioso: o desafio da acolhida da diferença*. Disponível: www.missilogia.org.br. Acesso 29 de dezembro de 2016.

_____. *Episcopado Latino-Americano diante do diálogo inter-religioso*, 2006. Disponível: http://empaz.org/dudu/du_episcopado_dialogo.htm. Acesso 16 de dezembro, 2016.

_____. *Teologia das religiões, uma visão panorâmica*. São Paulo: Paulinas, 1995.

VATICANO II. *Compêndio do Vaticano II, Constituições, decretos e decla-rações*. São Paulo: Vozes 2005.

VILLASENOR, L. Rafael. Para uma teologia do pluralismo religioso: visão tripartite. *Ciberteologia, Revista de Teologia & Cultura*. Edição n. 34 – Ano VII –Abril/ Maio/ Junho 2011 – Disponível: www.ciberteologia.paulinas.org.br. Acesso 30 de dezembro 2016.

_____. Os desafios da Igreja diante da Missão *Ad Gentes* no mundo glo-balizado *Revista de Cultura Teológica*. Edição 87 – Ano XXIV, Janeiro – Junho 2017. pp. 300-327. Disponível: <http://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/issue/view/161>. Acesso 03 de janeiro de 2017.

VIRGIL, José Maria. O paradigma pluralista: tarefas para a teologia. Para uma releitrua pluralista do cristianismo. *Concilium Teologia do Plura-*

lismo religioso: o paradigma emergente, n. 319 -2007/1. Petrópolis: Vozes. p. 33-42.

_____. *Teologia do pluralismo Religioso: para uma releitura do Crisitia-nismo*. São Paulo: Paulus 2006.

WOLF, Elias. Elementos para uma espiritualidade do diálogo inter-reli-gioso. *Revista Pistis Prax. Teologia Pastoral*, Curitiba, v. 7, n. 1, pp. 81-111, jan./abr. 2015, p. 96-97.

Recebido em: 05/01/2017

Aprovado em: 25/04/2017